

Al príncipe y a la princesa no pude verlos: noções de gênero gramatical em *Gramática de la Lengua Castellana*

Felipe Rodrigues Echevarria¹

Resumo

Gramática de la lengua castellana (1847), produzida pelo gramático venezuelano Andrés Bello, inaugura um lugar de legitimidade para o espanhol falado na América Latina no século XIX. As regras gramaticais recortadas da obra e analisadas no presente trabalho são aquelas que se referem ao gênero gramatical das palavras. Para o gramático, existem três gêneros gramaticais: o masculino, o feminino e o neutro. Observamos que em tais regras existe uma espécie de hierarquia que valoriza e prioriza o gênero masculino. Sendo assim, compreendemos que não se trata apenas de regras gramaticais e sim da exterioridade da língua funcionando na gramática, ou seja, certas práticas sociais que se manifestam em instrumentos linguísticos como dicionários e gramáticas.

Palavras-chave: Andrés Bello. Gramáticas. Gênero gramatical. História das Ideias Linguísticas. Instrumentos linguísticos.

AL PRÍNCIPE Y A LA PRINCESA NO PUDE VERLOS: GRAMMATICAL GENDER'S NOTIONS IN *GRAMÁTICA DE LA LENGUA CASTELLANA*

Abstract

Gramática de la lengua castellana (1847), created by the Venezuelan grammarian Andrés Bello, inaugurates a place of legitimacy for the Spanish language talked in Latin America in the nineteenth century. The grammatical rules taken from the Bello's work and presented in this article are those that refer to the grammatical gender of the words. For the grammarian, there is three grammatical genres: the masculine, the feminine and the neutral. What is there is a kind of hierarchy that values and prioritizes the male gender. Thus, we understand that it is not just grammatical rules but the externality of the language in grammar, that is, the social options that are manifested in linguistic instruments such as dictionaries and grammars.

Keywords: Andrés Bello. Grammars. grammatical gender. History of the Linguistic Ideas. linguistic instruments.

¹ Doutorando em Estudos Linguísticos (UFSM). E-mail: elipe230285@hotmail.com

Considerações iniciais

Em nossas palavras iniciais, gostaríamos de, em um primeiro momento, justificar o porquê da escolha de *Gramática de la lengua castellana* (1847), da autoria de Andrés Bello, como objeto de pesquisa para o presente trabalho. A gramática escrita por Bello foi estudada durante a disciplina de Língua, Política e História no Doutorado em Estudos Linguísticos da UFSM – Universidade Federal de Santa Maria, devido à sua importância para o estudo da língua espanhola, uma vez que essa gramática é um marco no espanhol latino-americano, sendo uma das primeiras a priorizar a língua castelhana falada na América. *Gramática de la lengua castellana* promove não uma total ruptura com a Academia Espanhola e, sim, dá ao espanhol latino-americano um lugar de legitimidade, onde os falantes podiam (e ainda podem) encontrar o que é próprio do espanhol da América Latina, ou ainda, os *americanismos*, nas palavras de Bello. Consideramos a obra desse gramático como um gesto de desmitificar que somente a língua do colonizador é a “correta” e “cult”, gesto esse que se configura como um movimento definido por Orlandi (2009) como *descolonização linguística*.

O *corpus* de nosso trabalho constitui-se pelos recortes das definições de gênero gramatical apresentadas por Bello. Justificamos a escolha desse *corpus* pelo fato de ter relação com nossa tese de doutorado, que está em andamento e objetiva analisar e refletir sobre como questões de gênero enquanto sexualidade materializam-se na língua. Fundamentados teoricamente na História das Ideias Linguísticas (HIL), tomamos as gramáticas e dicionários como instrumentos linguísticos e como objetos discursivos. Nesse sentido, observamos como a gramática produzida por Bello não apenas possui funções pedagógicas, como também é capaz de revelar práticas sociais e culturais da época e do país nos quais foi produzida. Assim, trazemos

alguns apontamentos biográficos do gramático venezuelano que viveu boa parte de sua vida no Chile, vindo a ser um dos grandes nomes do cenário intelectual da América Latina do século XIX.

Em nosso gesto de análise, apresentamos o *corpus* para que possamos refletir como funcionam as regras de gênero gramatical em *Gramática de la lengua castellana*; segundo Bello, existem três: o masculino, o feminino e o neutro. Um olhar atento para nosso *corpus* fez-nos observar como o apagamento da mulher e certas hierarquias sociais vigentes na sociedade chilena do século XIX projetam-se na gramática de Bello. Para fomentar a discussão, trazemos apontamentos de outros gramáticos sobre gênero gramatical e a visão da filósofa estadunidense Judith Butler sobre como o gênero masculino na gramática já configura, por si só, uma categoria gramatical geral de ser humano.

As gramáticas como instrumentos linguísticos

Gramáticas e dicionários, de acordo com Auroux (2014), são, até os dias de hoje, os principais pilares de nosso conhecimento metalinguístico. Estes dois instrumentos linguísticos são resultantes do processo de *gramatização*, que, ainda para o autor, trata-se de um “processo que consiste em *descrever e instrumentar* uma língua na base de duas tecnologias” (AUROUX, 2014, p. 65, grifos do autor), ou seja, permitir que uma língua seja ensinada e/ou aprendida tendo como ferramentas gramáticas e dicionários. A *gramatização* vem a ser a segunda revolução técnico-linguística depois do advento da escrita, marcando a passagem dos saberes epilinguísticos (de cunho empírico e especulativo) aos saberes metalinguísticos (devidamente fundamentados por uma metalinguagem). Este processo transformou o modo de comunicação entre nações, uma vez que permitia que, através de instrumentos linguísticos, fosse possível ter conhecimento acerca da língua

do *outro*, pois, ao saber mais sobre a língua do *outro*, consequentemente, sabe-se mais sobre sua cultura e sua história.

A História das Ideias Linguísticas (HIL) é um projeto que surgiu através de uma parceria entre a Universidade Paris VII, da França, e a UNICAMP – Universidade Federal da Campinas. Este projeto tem como principal interesse a produção de instrumentos linguísticos que se faz no país desde o século XVI até os dias atuais (GUIMARÃES, 1996), além de possibilitar uma nova perspectiva de abordagem na Linguística com enfoque na produção do conhecimento linguístico. Sendo assim, a HIL, que inicialmente era um projeto oriundo das duas universidades, estabeleceu-se no Brasil e um de seus principais objetivos é “estudar a história da constituição de um saber metalingüístico no Brasil, sobretudo com relação a instrumentos lingüísticos (gramáticas e dicionários). O objetivo é também o de compreender a história da formação de uma língua nacional no país” (NUNES, 1999, p. 11).

Em relação às gramáticas, Auroux (2014) destaca algumas de suas finalidades, como a função pedagógica, por exemplo, e aspectos históricos envolvidos na produção destes instrumentos linguísticos:

Em nossos dias, a gramática é antes de tudo uma técnica escolar destinada às crianças que dominam mal sua língua ou que aprendem uma língua estrangeira. Isso se deve tanto ao desenvolvimento do sistema escolar quanto ao da gramática. Em tempos remotos, nunca se teve espontaneamente a idéia de fazer uma *gramática* – um corpo de regras explicando como construir palavras, mesmo que sob a forma implícita de paradigmas – para aprender a falar. A tradição árabe, assim como a indiana, comporta bem o *topos* de uma invenção da gramática para guiar a língua falada e corrigir os erros (AUROUX, 2014, p. 27, grifos do autor).

O que hoje conhecemos por gramática é uma das formas de saber linguístico mais trabalhadas no Ocidente durante estes dois milênios. Em outros

tempos, a produção de gramática levava em conta aspectos tanto da língua falada como da língua escrita. Para Dias; Bezerra (2010), na atualidade, já não se consideram apenas os fins pedagógicos da gramática. Seria “ingênuo” pensar que esse instrumento linguístico abarca todos os saberes sobre a língua. Nesse sentido,

[...] a gramática abrigaria num só livro o saber sobre a língua, concebido como consolidado e estável, por isso adequado à prática da consulta. Ressaltemos, contudo, o fato de que as gramáticas modernas vão se desvincilhando aos poucos dessa imagem de gramática como manual para consulta, uma imagem fortemente ligada às clássicas gramáticas tradicionais. Elas já não trazem instruções quanto ao emprego “correto” das preposições, dos pronomes, ou dos traços marcadores de concordância entre vocábulos na sentença, ou mesmo quanto ao uso dos sinais de pontuação ou das convenções ortográficas. A presença dessas instruções fazia do livro de gramática um instrumento útil para aqueles que queriam apenas “tirar uma dúvida” (BEZERRA; DIAS, 2010, p. 16-17).

Observamos que as gramáticas apresentam outras características que estão diretamente relacionadas a certas práticas sociais e históricas. Interessa-nos saber e discutir aspectos linguísticos e históricos da *Gramática de la lengua castellana* (1874 [2004]) produzida por Andrés Bello.

Andrés Bello e a *Gramática de la lengua castellana*: contexto sócio-histórico

Andrés Bello é um importante e reconhecido intelectual na América Latina, sendo considerado um dos mais importantes educadores do continente latino-americano no século XIX. Além de educador, o gramático venezuelano é humanista, jurista, filósofo e político. Nascido em Caracas no ano de 1781, Bello mudou-se para Londres, onde viveu duas décadas antes de estabelecer-se no Chile. Desde cedo, já desempenhava atividades intelectuais, chegando a dar aulas particulares em sua casa, inclusive, para outro importante intelectual e político latino-americano: Simón Bolívar. Sua

obra tornou-se uma referência na América Latina de forma que até hoje é consultada e considerada uma referência para os falantes de língua espanhola (WEINBERG, 2010). Apresentamos algumas das vivências de Bello no Chile, pois esse país é que compôs o contexto social e histórico em que a obra do autor está inscrita:

Quando Bello chega a Valparaíso, em 25 de junho de 1829, o Chile atravessa momento excepcional de sua história, com mudanças de longo alcance em suas estruturas socioeconômicas, políticas e institucionais, que se somavam às substanciais modificações nos níveis cultural e educacional. É a época da grande expansão da indústria de mineração, que dinamiza toda a economia.

Essa inesperada prosperidade permite, em certo sentido, restaurar um clima de maior estabilidade, no qual se instaura rapidamente um novo equilíbrio entre os diversos grupos de interesse, sejam rurais ou comerciais. A Batalha de Lircay marca o fim de um ciclo: logo após a derrota dos liberais (chamados pipiolo) para os conservadores (pelucones), o general Joaquín Prieto ocupa o poder e, assessorado por Diego Portales como ministro do Interior e dos Negócios Estrangeiros, executa um programa que, basicamente, consistia na restauração da lei e da ordem. A Constituição centralizadora de 1833, baseada no sufrágio limitado, afasta-se sensivelmente da precedente, mais democrática. Favorecem-se os setores conservadores tradicionais, mas, como já se apontou, seu rigor também beneficia todos os setores produtivos, já que o advento de uma república autoritária, sob firme comando presidencial, serve para consolidar a ordem, organizar as finanças públicas e a disciplina no Exército, até então fator de instabilidade (WEINBERG, 2010, p. 21-22).

Nosso objetivo, ao fazer este breve percurso pela história do Chile, é compreender como aspectos sociais e históricos materializam-se em instrumentos linguísticos, sobretudo em gramáticas. Ou, mais especificamente, interessa-nos observar como relações de poder e formas de hierarquia da sociedade chilena do século XIX deixam marcas em *Gramática de la Lengua Castellana*. Ao buscarmos na história do país como se deu a formação da sociedade do Chile, observamos que se trata de um processo histórico onde alguns sujeitos pouco

aparecem; são silenciados e/ou apagados, como é o caso dos indígenas e das mulheres. No que tange à população indígena, de acordo com Reis (2015), em relação aos indígenas *mapuche*, é possível notar um apagamento desses sujeitos em livros de História. O historiador chileno Jorge Pinto atenta para a desqualificação e o “desaparecimento” dos *mapuche* na história do Chile:

[...] la historiografía del siglo XIX contribuyó, en no poca medida, a ratificar la imagen tan negativa que se formó la intelectualidad, la clase política y la elite chilena del mapuche en la segunda mitad del siglo pasado. Los cuatro grandes historiadores de la época - Benjamín Vicuña Mackenna, Miguel Luis Amunátegui, Diego Barros Arana y Crescente Errázuriz -, emitieron juicios lapidarios acerca del indígena. Con la sola excepción de José Toribio Medina, quien en 1882 publicó *Los Aborígenes de Chile*, en uno de los primeros intentos por estudiar científicamente a los pueblos indígenas, los demás historiadores del siglo XIX se olvidaron de ellos o simplemente los excluyeron de la historia² (PINTO, 2003, p. 171).

O exemplo do desprestígio dos *mapuche* em livros sobre a história do Chile serve apenas para ilustrar como certos sujeitos podem sentirem-se apagados ou mal representados em instrumentos linguísticos. Gostaríamos de discutir sobre como as mulheres do Chile aparecem no processo histórico do país na época da produção da gramática de Bello, visto que discutiremos, no decorrer do trabalho, sobre noções de gênero gramatical na obra do autor venezuelano. Conforme Cruz et al. (1978), o que se sabe da mulher chilena do século XIX foi possível através de relatos de viajantes que passaram pelo país. Eles descreveram-nas como mulheres de estatura mediana, cabelos compridos

2 [...] a historiografía do século XIX contribuiu, em grande medida, para ratificar a imagem tão negativa que a intelectualidade, a classe política e a elite chilena formaram do *mapuche* na segunda metade do século passado. Os quatro grandes historiadores da época - Benjamín Vicuña Mackenna, Miguel Luis Amunátegui, Diego Barros Arana e Crescente Errázuriz - emitiram juízos lapidários sobre o indígena. Com a explicação de José Toribio Medina, que em 1882 publicou *Los Aborígenes de Chile*, em uma das primeiras tentativas de estudar cientificamente os povos indígenas, os demais historiadores do século XIX esqueceram-se deles ou simplesmente os excluíram da História (PINTO, 2003, grifos do autor, tradução nossa)

e olhos negros, em relação ao seu aspecto físico. O que chamou a atenção dos viajantes foi o desenvolvimento físico precoce de algumas pré-adolescentes, o que justificava casamentos e uniões precoces. Quanto ao âmbito em que viviam essas mulheres, as autoras afirmam que

Durante el siglo XIX, la mujer se mantuvo dentro de los moldes clásicos del espíritu de la época, en que el hogar y la familia constituyen su mundo.

La vivienda y su decorado, sus costumbres sociales y religiosas del periodo, nos dan el marco y el ambiente en que transcurre la vida cotidiana de la mujer.

Dos formas de vida surgen del estudio del periodo. La mujer de las zonas rurales tiene un contorno y una mentalidad muy diferentes de la ciudad. De ahí que sea necesario describir en forma independiente estos dos ámbitos tan diversos. El urbano es el centro del gobierno, de la cultura, de las nuevas costumbres y esto se traduce en el surgimiento de las mujeres de élite que han dejado una mayor cantidad de testimonios. Pero no debemos olvidar que el siglo XIX fue eminentemente rural y la silenciosa mayoría de la mujer chilena se encuentra en ese campo. En efecto, a mediados de siglo la población constituía el 80% de la población total, en tanto que el censo de 1895 arrojó una población rural equivalente a 54% de los habitantes³ (CRUZ et al., 1978, p. 78).

Desta forma, as mulheres chilenas mantinham-se circunscritas ao âmbito doméstico, tanto na zona rural quanto nas cidades, sob a forte influência dos costumes católicos. Observamos que

3 [...] Durante o século XIX, a mulher manteve-se dentro dos moldes clássicos do espírito da época, em que o lar e a família constituem seu mundo. O domicílio e sua decoração, seus costumes sociais e religiosos do período, nos dão o marco e o ambiente em que transcorre a vida cotidiana da mulher. Duas formas de vida surgem do estudo do período. A mulher das zonas rurais tem um contorno e uma mentalidade bastante diferentes da cidade. A partir disso, é necessário descrever de formas independentes estes dois âmbitos tão diversos. O urbano é o centro do governo, da cultura, dos novos costumes e isto se traduz no nascimento das mulheres de elite que deixaram uma maior quantidade de testemunhos. Porém não devemos esquecer que o século XIX foi eminentemente rural e a silenciosa maioria da mulher chilena encontra-se nesse campo. Em efeito, em meados do século a população constituía o 80% da população total, tanto que o censo de 1895 estimou uma população rural equivalente a 54% dos habitantes (CRUZ et al., 1978, tradução nossa).

era pouca a participação das mulheres em outros setores na conservadora e patriarcal sociedade chilena do século XIX. Sob nosso prisma, entendemos que este apagamento da mulher estende-se a toda a América Latina. No Brasil, por exemplo, segundo Rezutti (2018), comumente, a história do país é contada *por* homens *sobre* homens. Pouco sabemos sobre o protagonismo feminino em feitos históricos do Brasil, bem como a atuação da mulher em setores como política, administração de bens e participação no processo de independência do país.

Gênero masculino, feminino e neutro em *Gramática de la lengua castellana*: um gesto de análise

Gramática de la lengua castellana foi produzida e pensada por Bello como uma forma de dar autenticidade à língua espanhola falada na América Latina, admitindo, sim, a importância das regras gramaticais advindas do espanhol falado na Espanha, porém, ao mesmo tempo, afastando-se daquilo que a Espanha, enquanto país colonizador da maioria dos países da América Latina, dita como “certo” e “errado”. Consideramos a obra de Bello como um movimento de *descolonização linguística* (ORLANDI, 2009), ou seja, quando um país passa a produzir seus próprios instrumentos linguísticos desvencilhando-se das gramáticas e dicionários oriundos de países colonizadores. Os “americanismos” passaram a ser considerados para que não só a herança colonial espanhola fosse considerada como correta. Para o gramático, a academia espanhola devia ser respeitada e vista como uma ferramenta de colaboração, mas não como uma “ditadora de regras”.

Tamanha foi a importância da gramática de Bello que esta alcançou os limites peninsulares, embora o intelectual venezuelano sempre tivesse como foco a América Latina, sobretudo Chile e

Venezuela. Já consolidado como um grande nome da cena intelectual da América Latina, lançou *Gramática de la lengua castellana* como uma forma de ensinar aqueles que viviam no continente latino-americano do século XIX e que possuíam o espanhol como língua materna. Enfatizava que a gramática era uma arte do bem falar e que uma das maneiras mais eficazes de adquirir essa técnica era ter a língua dos escritores como um padrão a ser seguido. Para Bello, as classes ditas educadas seguiam as tradições literárias.

Quanto às noções de gênero masculino, feminino e neutro em *Gramática de la lengua castellana*, apresentamos alguns recortes para que possamos compreender como o autor as define. No capítulo VII – *Terminación femenina de los sustantivos*, Bello traz alguns exemplos de como os substantivos que significam seres vivos costumam variar de terminação para significar o sexo feminino. São eles: *ciudadano, ciudadana; señor, señora; cantor, cantora; marqués, marquesa; león, leona; barón, baronesa; abad, abadesa; alcalde, alcaldesa; príncipe, princesa; poeta, poetisa; profeta, profetisa; sacerdote, sacerdotisa; emperador, emperatriz; actor, actriz; cantor, cantatriz; czar, czarina; cantor, cantarina; rey, reina; gallo, gallina*. Em uma passagem do capítulo, encontramos uma explicação para a tão polêmica palavra *presidenta*, objeto de inúmeras discussões nos últimos anos:

En los sustantivos que significan empleos o cargos públicos, la terminación femenina se suele dar a la mujer del que los ejerce; y en este sentido se usan *presidenta, regenta, almiranta*; y si el cargo es de aquellos que pueden conferirse a mujeres, la desinencia femenina significa también o únicamente el cargo, como *reina, priora, abadesa*. Mas a veces se distingue: *la regente* es la que ejerce por sí la regencia, la regenta la mujer del regente⁴ (BELLO, 1874 [2004], p. 72, grifos do autor).

4 Nos substantivos que significam empregos ou cargos públicos, a terminação feminina costuma-se dar à mulher que os exerce; e neste sentido usam-se *presidenta, regenta, almiranta*; e se o cargo é daqueles que podem ser conferidos às mulheres, a desinência feminina significa também ou unicamente o cargo, como *reina, priora, abadesa*. Mas, às vezes, distingue-se: *la regente* é a que exerce por si a regência, *la regenta* é a mulher do regente (BELLO, 1874 [2004], tradução nossa, grifos do autor).

Seguem diversas outras regras, como por exemplo, substantivos como *patriota*, que servem tanto para o masculino quanto para o feminino, variando apenas o artigo definido que os antecede. Se nos referimos a um homem patriota, usamos o artigo *el*; (*el patriota*). Se se trata de uma mulher, empregamos o *la*, (*la patriota*), assim como em outros casos como *mártir, virgen* e *intérprete*. Ou seja, são os artigos definidos *el* e *la* que definirão se palavras como *mártir* são masculinas ou femininas.

Não somente no capítulo VII, como também em outros que se seguem, o autor traz toda sorte de explicações acerca de variações de gênero gramatical. Referente à terminação feminina dos adjetivos, Bello elenca algumas regras:

143. 1.^a Son invariables todas las vocales, menos la *o*: *un árbol indígena, una planta indígena; un hombre ilustre, una mujer ilustre; un leve soplo, una aura leve; trato baladí, conducta baladí; paño verdegay, tela verdegay; pueblo hindú, lengua hindú*.

144. 2.^a Son asimismo invariables los terminados en consonante, verbigracia, *cuerpo gentil, figura gentil; hombre ruin, mujer ruin; hecho singular, hazaña singular; un caballero cortés, una dama cortés; el estado feliz, la suerte feliz*.

145. 3.^a Los en *o* la mudan en *a*, como *lindo, linda; atrevido, atrevida*.

Excepciones:

146. 1.^a Los en *an, on, or*, añaden *a*; v. gr. *holgazán, holgazana; juguetón, juguetona; traidor, traidora*; exceptuados *mayor, menor, mejor, peor, superior, inferior, exterior, interior, anterior, posterior, ceterior, ulterior*, que son invariables. *Superior* añade *a*, cuando es sustantivo significando la mujer que gobierna una comunidad o corporación⁵ (BELLO, 1874 [2004], p. 73, grifos do autor).

5 143. 1.^a São invariáveis todas as vogais, menos a *o*: *un árbol indígena, una planta indígena; un hombre ilustre, una mujer ilustre; un leve soplo, una aura leve; trato baladí, conducta baladí; paño verdegay, tela verdegay; pueblo hindú, lengua hindú*.

144. 2.^a São invariáveis os terminados em consoante, como por exemplo, *cuerpo gentil, figura gentil; hombre ruin, mujer ruin; hecho singular, hazaña singular; un caballero cortés, una dama cortés; el estado feliz, la suerte feliz*.

145. 3.^a Os em *o* mudam para *a*, como *lindo, linda; atrevido, atrevida*.

Exceções:

146. 1.^a Os em *an, on, or* adicionam *a*; v. por exemplo: *holgazán, holgazana; juguetón, juguetona; traidor, traidora*; com exceção de *mayor, menor, mejor, peor, superior, inferior, exterior, interior, anterior, posterior, ceterior, ulterior*, que são invariáveis. *Superior* adiciona *a*, quando é substantivo significando a mulher que governa uma comunidade ou corporação (BELLO, 1874 [2004], tradução nossa, grifos do autor).

Ao afirmar que quando há duas formas para os dois sexos, nos valem da masculina para designar a espécie, prescindindo do sexo, compreendemos que há uma espécie de hierarquia entre os gêneros gramaticais: “así *hombre, autor, poeta, león*, se adaptan a todos los casos en que se habla de cosas que no conciernen particularmente a la mujer o a la hembra”⁶ (BELLO, 1874 [2004], p. 72, grifos do autor). Se temos *abuelo* e *abuela*, por exemplo, no plural temos *los abuelos*. Ou seja, o plural priorizou o masculino. Assim, palavras como *homem* (ou *hombre*, em língua espanhola) adaptam-se, como descreve Bello, a todos os casos em que se falam de coisas que não concernem particularmente à mulher, como se fosse uma palavra universal e referente a qualquer ser humano. Nesse sentido, retomamos o pressuposto da filósofa estadunidense Judith Butler acerca da forma como questões de gênero são construídas linguisticamente:

Em outras palavras, só os homens são “pessoas” e não existe outro gênero senão o feminino: o gênero é o índice linguístico da oposição política entre os sexos. É gênero é usado aqui no singular porque sem dúvida não há dois gêneros. Há somente um: o feminino, “o masculino” não sendo um gênero. Pois o masculino não é o masculino, mas o geral (BUTLER, 2003, p. 42).

Para ampliar nossa discussão, apresentamos conceitos acerca de gênero gramatical trazido por outros autores. De acordo com Nebrija (1492 [1989]), o gênero é uma forma de distinguir o *macho* da *fêmea*. Já para Pereira (1926, p. 83), “gênero gramatical é a propriedade que tem o substantivo de indicar pela sua forma o sexo real dos seres vivos, ou o sexo suposto dos seres inanimados”. Quando adentramos na questão do *gênero marcado* e/ou *não marcado*, aproximamo-nos ainda mais da tese proposta por Butler (2003). Para Cunha;

⁶ Assim, *hombre, autor, poeta* e *león* adaptam-se a todos os casos em que se fala de coisas que não concernem particularmente à mulher ou à fêmea (BELLO, 1874 [2004], tradução nossa, grifos do autor).

Cintra (2001), o masculino é o *gênero não marcado* e o feminino é o *gênero marcado*. Os autores ainda complementam salientando que “pertencem ao gênero feminino todos os substantivos a que se pode antepor o artigo *a*” (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 188-189, grifos dos autores).

O título de nosso trabalho não foi escolhido por acaso. Foi retirado propositalmente de um dos enunciados de Bello sobre as regras gramaticais de gênero. Para o gramático, quando se trata de reproduzir ideias de pessoas, as de um mesmo sexo são reproduzidas coletivamente pelo gênero correspondente a ele; já as de sexos diversos são reproduzidas pelo gênero masculino. Exemplificando, Bello diz: “A la reina y a la princesa no pude verlas” (BELLO, 1847 [2004], p. 117, grifos do autor). Como *reina* e *princesa* são substantivos femininos, o complemento de objeto direto usado para referir-se a elas é o *las*. Entretanto, se se trata de um substantivo masculino e outro feminino, o complemento de objeto direto usado para referir-se aos dois é o *los*. “Al príncipe y a la princesa no pude verlos” (BELLO, 1847 [2004], p. 117, grifos do autor). Constatamos, assim, mais um exemplo de quando dois substantivos de gêneros distintos estão juntos, o plural prioriza o masculino.

Para finalizar nosso gesto de análise, com base nos apontamentos acerca de gênero gramatical trazidos por Bello e pelos demais autores, observamos que, quanto a seres vivos, o gênero gramatical depende do sexo do ser nomeado. Quando se trata de seres inanimados, a classificação ocorre de maneira aleatória. O gênero masculino parece ser uma categoria universal de pessoa, pois não se refere somente aos seres de sexo masculino, podendo abranger seres de qualquer sexo. É como se a condição de homem refletida no gênero gramatical masculino fosse uma espécie de *gênero humano*. Palavras como *menino* e *menina* – ou, na língua espanhola, *chico* e *chica* – quando juntas, formam plural no masculino: *meninos* (no

português) e *chicos* (no espanhol). Já o feminino não engloba o humano e sim, especificamente, a mulher. O feminino é *marcado* por designar apenas seres considerados femininos. É uma variação morfológica do masculino, sendo que esse é tomado como base.

Considerações finais

Consideramos uma das principais contribuições da HIL o gesto de contribuir para retirar instrumentos linguísticos daquele senso comum que os relega a meros objetos de consulta. Pensar em dicionários e gramáticas apenas como objetos que sanam dúvidas acerca da língua denota empirismo e até mesmo “ingenuidade”, pois conceber que eles abarcam todas as verdades sobre a língua é ilusório. Essa visão simplória da ilusão da completude da língua é reforçada, sobretudo, no âmbito escolar, no qual se consideram apenas as funções pedagógicas dos instrumentos linguísticos. A HIL, ao produzir conhecimento linguístico, desmitificou a ideia de que dicionários e gramáticas devem ser usados apenas para sacar dúvidas acerca da significação e da ortografia das palavras a partir do momento em que os tomou como objetos discursivos. Dessa forma, é possível pensarmos que instrumentos linguísticos apresentam um discurso sobre a língua e refletem a exterioridade da língua, isto é, aspectos sociais e históricos da época e da sociedade onde são produzidos.

Observamos que *Gramática de la lengua castellana*, objeto de pesquisa de nosso trabalho, apresenta questões acerca da sociedade chilena do século XIX. O *corpus*, constituído pelos recortes das definições de gênero gramatical por Andrés Bello, reflete sobre como questões de gênero enquanto sexualidade se projetam também na gramática. De acordo com as explicações de Bello, quando nos deparamos com uma palavra no masculino e sua correspondente no feminino, como *rey* e *reina*, por

exemplo, a regra orienta que no plural se priorize o masculino, ou seja, *rey* e *reina*, no plural, tornam-se *reyes*.

Em nossas pesquisas iniciais na historiografia chilena, foi possível compreendermos as condições em que viviam as mulheres do/no Chile do século XIX. Deparamo-nos com uma história repleta de homens atuando no âmbito político e intelectual. Neste cenário, Bello atuava e possuía prestígio e reconhecimento, pois formava parte de uma elite intelectual. Já a mulher chilena permanecia restrita ao âmbito doméstico. A invisibilidade da mulher na História, seja no Chile ou abrangendo toda a América Latina, legitima a gramática do autor venezuelano, pois a mesma prioriza o masculino e não cogita a possibilidade de uma linguagem inclusiva, como já se discute atualmente. Ou seja, a gramática produzida por Bello segue a tradição gramatical de priorizar o masculino como parâmetro de gênero, do qual se modela o feminino e determina que dois substantivos de gênero distintos ao formar plural adotem o gênero masculino.

Entendemos que Andrés Bello, na sua posição de sujeito gramático, está afetado por todas as questões históricas concernentes ao Chile. Outro ponto importante é que ele enuncia e produz gramática estando em uma condição de *hómem*. Nessa condição privilegiada e fazendo parte da elite intelectual latino-americana do século XIX, Bello “dita” as regras gramaticais que devem ser adotadas por aqueles que desejam falar, escrever e melhor compreender sua língua nacional, neste caso, o espanhol. Sendo assim, produziu uma gramática cujas regras, no que tange aos gêneros gramaticais, priorizam o gênero masculino, principalmente na questão do plural. É como se o gênero masculino fosse considerado mais nobre, sob nossa compreensão. Se as mulheres chilenas se mantinham restritas ao âmbito doméstico e tinham pouca participação em outros setores da sociedade, como na política e na atividade intelectual,

consequentemente, isso se projetou na gramática de Bello.

Referências bibliográficas

AUROUX, S. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas: Unicamp, 2014.

BELLO, A. (1847). *Gramática de la lengua castellana*. Madrid: EDAF, 2004.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CRUZ, L. S. et al. *Tres ensayos sobre la mujer chilena*. Santiago: Editorial Universitaria, 1978.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Novíssima gramática do português contemporâneo*. 2 ed. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1985.

DIAS, L. F.; BEZERRA, M. A. Gramática e dicionário. In: GUIMARÃES, E.; ZOPPI-FONTANA, M. (Orgs.) *Introdução às ciências da linguagem: a palavra e a frase*. 2ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.

GUIMARÃES, E. Sinopse dos estudos do português no Brasil: a gramatização brasileira. In: GUIMARÃES, E.; ORLANDI, E. P. (Orgs.) *Língua e cidadania: O Português no Brasil*. Campinas: Pontes, 1996

NEBRIJA, A. (1492). *Gramática de la lengua castellana*. Estudio y edición Anonio Quilis. Madrid: Centro de Estudios Ramón Areces, 1989.

NUNES, J. H. *Discurso e instrumentos linguísticos no Brasil: dos relatos de viajantes aos primeiros dicionários*. Campinas, SP. Tese (doutorado). Universidade Estadual de Campinas, 1996.

ORLANDI, E. P. *Língua Brasileira e Outras Histórias: discurso sobre a língua e ensino no Brasil*. Campinas: Editora RG, 2009.

PEREIRA, E. C. *Grammatica expositiva*. São Paulo:

Weiszflog Irmãos, 1926.

PINTO, J. *De la inclusión a la exclusión*. La formación del estado, la nación y el pueblo mapuche. 2ª ed. Santiago: DIBAM, 2003.

REIS, M. F. *Identities e alteridades no Chile: historiografia, ensaios e fotografias sobre os indígenas (1860-1910)*. Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1445379107_ARQUIVO_Identidades_alteridades_Chile.pdf. Acesso em: 12 dez. 2018.

REZUTTI, P. *Mulheres no Brasil*. A história não contada. Rio de Janeiro: Leya, 2018.

WEINBERG, G. *Andrés Bello*. Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

Submissão: 5 de junho de 2019.

Aceite: 30 de julho de 2019.